

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**José Paulo Reichenbach**

**A CULTURA DE PAZ NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE  
DO SUL**

Porto Alegre  
2014

**José Paulo Reichenbach**

**A CULTURA DE PAZ NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE  
DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Licenciatura em Educação Física,  
da Escola de Educação Física da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Licenciado.

Orientadora: Prof. Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre  
2014

**JOSÉ PAULO REICHENBACH**

**A CULTURA DE PAZ NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE  
DO SUL**

CONCEITO FINAL:

APROVADO EM ..... DE .....DE.....

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. .... – UFRGS

\_\_\_\_\_  
PROF. DR. .... – UFRGS

\_\_\_\_\_  
ORIENTADOR – PROF. DR. DENISE GROSSO DA FONSECA – UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Ao pai, Paulo Reichenbach, à Mãe, Ilva Reichenbach, por terem me dado a vida e me educado. Nessa caminhada, duas virtudes imprescindíveis em minha identidade, aprendidas respectivamente com os senhores: honestidade e compaixão. Por todo amor, carinho, dedicação e cuidado. Lembro-me das atividades da lavoura, com meu pai, as quais tanto contribuíram em minha formação. Da mãe, os afazeres domésticos, que da mesma forma contribuíram, além das noites e noites, em que ficava ao lado da cama, zelando pela minha saúde e das inúmeras viagens à cidade para tratar de problemas de saúde. Obrigado, pai e mãe.

A tia Eva Portela, pelo ensino da disciplina e persistência. Foi meu esteio na cidade grande. Incentivou-me a fazer um curso superior; financiou-me; deu-me casa, comida e fez papel de mãe, enquanto distante da família. Eternamente, grato.

À irmã, Nanci, e sua família, pelas inúmeras vezes que me acolheu em sua casa, aqui Porto Alegre, sem saber que, o que eu procurava era carinho e atenção. E recebia, tanto de ti, quanto de toda a sua família. Obrigado, Binho, Maria Vitória e Bernardo. Obrigado aos seus familiares, também, Binho.

À irmã Fernanda, pelos inúmeros incentivos. Pelas longas trocas de diálogo por telefone. Pelo período em que convivemos numa luta árdua por um concurso. Por ensinar-me o valor da “organização”. Desculpe pelas vezes que te fiz chorar. Obrigado!

À irmã caçula, Carla, por me propiciar a ser um pouco “pai”, e por me ensinar ser amável e doce. Lembro-me da tua formatura. Um incentivo, para continuar a minha caminhada. Obrigado!

À família Almeida da Silva, Orides, Cula, Regiane, Rogério, Rudinei e Daiane, por acolherem-me como filho e irmão, num momento turbulento e de indecisões em minha vida. Minha válvula de escape e ponto de recuperar as energias. Obrigado!

A todos os demais amigos e parentes, os quais sempre estiveram ao meu lado, e que de alguma forma ou de outra, contribuíram para eu continuar a caminhada do nível superior. Gratidão!

Ao Filósofo Dr. Daisaku Ikeda, meu mestre de vida, por direcionar o foco do meu pensar para as minhas potencialidades e as potencialidades da humanidade.

Ao Professor Dr. Professor Alberto Monteiro de Oliveira, por apresentar-me o conhecimento sobre os valores, virtudes e Paidéia. Além de ajudar-me a dar início ao TCC I. Obrigado!

À Professora Dr. Denise Grosso da Fonseca, por todo o empenho, dedicação e compreensão com que me orientou nessa jornada. A sua doçura e carinho demonstram o grandioso ser humano que és. Outro aprendizado. Uma imensa alegria e bem estar conviver com a senhora. Obrigado!

## **RESUMO**

Pensando na violência em seu sentido amplo, global, deparamo-nos com constantes conflitos que emergem em vários lugares do mundo. Em resposta, tanto autoridades quanto a população, buscam, na repressão, o caminho para barrar tal fenômeno. Considerando que haja um enorme potencial para promovermos uma cultura de paz, desde que tenhamos o respeito pela dignidade da vida de cada ser humano, e que só chegaremos a esse ideal se direcionarmos nossos pensamentos e ações para a construção dessa cultura, o presente trabalho tem por objetivo geral compreender como o professor de Educação Física, de uma escola de ensino médio da rede estadual do Rio Grande do Sul, percebe a promoção de uma cultura de paz, no ambiente escolar. Valemo-nos da pesquisa qualitativa, usando como instrumentos entrevista, observações de campo e análise do projeto político pedagógico da escola. Constatamos que existe conhecimento sobre a Cultura de paz, mas que ações objetivas e intencionais, para essa construção, ainda não são desenvolvidas.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Cultura de paz. Violência escolar.

## **ABSTRACT**

Thinking about violence on a wide angle, globally we end up facing constant conflicts, that emerges all around the world. In response, authorities and population, search into repression the way to stop this phenomenon. Considering that there is a huge potential to promote a peace culture, as far as we have the respect for the dignity about life of each human being, we will only reach that ideal stage if we drive our thoughts and actions to build this culture. This paper has the general purpose understand how the physical educator, of a public high school at the state of Rio Grande do Sul, understands the promotion of a peace culture, at the school's environment. We used the qualitative research and as a tool interviews, field observations and analysis of the political pedagogic project from the school. We observed that there is knowledge about peace culture, but actions objective and intentional, for this construction, are still not developed.

**Key words:** Physical Education. Culture of peace. School violence.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>4</b>
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	<b>8</b>
2.1 GERAL.....	8
2.2 ESPECÍFICO.....	8
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>9</b>
3.1 VIOLÊNCIA .....	9
3.2 A VIOLÊNCIA E A ESCOLA.....	14
3.3 CULTURA DE PAZ .....	18
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>25</b>
4.1 MÉTODO DE ABORDAGEM.....	25
4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	25
4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES .....	25
4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E COLETAS DAS INFORMAÇÕES .....	26
4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DE INFORMAÇÕES.....	27
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	<b>28</b>
5.1 VIOLÊNCIA .....	28
5.2 SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA .....	30
5.3 POSIÇÃO DA ESCOLA.....	33
5.4 VIOLÊNCIA X PAZ.....	35
5.5 CULTURA DE PAZ .....	37
5.6 POSSIBILIDADES DE PROMOÇÃO UMA CULTURA DE PAZ.....	38
5.7 PROJETOS SOBRE PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ.....	39
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>
<b>APÊNDICE A - CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA</b> .....	<b>46</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL</b> .....	<b>47</b>
<b>APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>49</b>
<b>APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Estágio curricular, pré-requisito para conclusão do curso de Educação Física. Colegas de estágio divididos em dois turnos. Manhã e tarde. Numa quarta-feira, ao meio dia, momentos antes do horário da aula, uma ligação da professora orientadora: “José Paulo, não teremos aula à tarde. Ocorreu um incidente na escola, com arma de fogo, pela parte da manhã. Um aluno, na aula teórica de EFI, no auditório, disparou um tiro, o qual pegou de raspão em uma aluna. Os teus colegas estão na delegacia dando depoimento”.

Esse foi o lamentável comunicado dado pela professora orientadora. Não foi pior porque o resultado não passou de uma leve queimada no braço da jovem. A professora orientadora do estágio solicitou um trabalho abordando algum tema que nos tivesse chamado atenção, durante o período em que estivemos na escola. Em função do advento mencionado, optamos por estudar a violência. No decorrer do estudo, encontramos bons motivos que justificam uma monografia para conclusão de curso com este tema.

Pensando na violência no seu sentido amplo, ou global, deparamo-nos com os constantes conflitos que emergem em vários lugares do mundo. No momento atual, os desentendimentos entre Rússia e Ucrânia, levaram o Avião do voo MH 17, da Holanda, provavelmente, ter sido, abatido; o conflito na faixa de Gaza entre Israel e Hamas está em franca evolução, dizimando vítimas civis (lembrando que civis ou soldados, são, antes de qualquer coisa, seres humanos); em relação ao trânsito, estudos realizados por Waiselfisz (2013) trazem dados estarrecedores, principalmente na questão dos jovens: em 2009, aconteceram perto de 1,3 milhões de mortes por acidentes de trânsito em 178 países do mundo. E que os acidentes de trânsito representam a 1º causa de mortes na faixa de 15-29 anos de idade. O jovem é a principal vítima da violência no trânsito. Lembremos que os dados expostos são referentes, exclusivamente, ao número de mortes. São entre 20 e 50 milhões os que sobrevivem com traumatismos e ferimentos. Pensemos nos pais das vítimas. Nos avós, tios, irmãos, amigos. Quantas pessoas sofrem com a morte trágica de um ser humano? Quanto investimento público em saúde, tanto para “tentar consertar as vítimas”, quanto para cuidar das pessoas que ficam com sequelas, quanto os familiares psicologicamente abatidos. Quanto investimento público em saúde para vencer o medo da população, que já vê como um milagre, voltar para casa vivo, após um dia de trabalho.

No Brasil, de acordo com material distribuído pela Secretaria Geral da Presidência, elaborado por Waiselfisz (2013), os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos. No mesmo documento, constam dados do Sistema de Informação sobre

Mortalidade/Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (SIM/DATASUS) do Ministério da Saúde, mostrando que, mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios, em 2011, no Brasil, eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%).

Analisando a questão da violência, e olhando apenas para o pior dos resultados advindos dela – a morte – temos inúmeras perdas de seres humanos por homicídios e pela violência no trânsito. E o que é pior: a maioria dessas vidas são de jovens.

Contudo, a morte não é a única consequência da violência. Malta *et al.*<sup>1</sup> (*apud* NETTO-MAIA *et al.*, 2013, p. 798) colocam que, “a violência já é considerada um problema de saúde pública, uma vez que expressa importante carga ao adoecimento da população, impactando sobre as taxas de morbimortalidade na saúde individual e coletiva”. Em última instância podemos concluir que a violência gera dor, tristeza e sofrimento. O sujeito vítima da violência sofre, inevitavelmente, seja física ou psicologicamente. Um xingamento, assim como um tapa, gera dor, sofrimento. Talvez, um xingamento seja, até mesmo, muito mais lesivo do que a própria agressão física, pois ele pode se desdobrar em traumas que marcarão a vida da pessoa por longo tempo, bloqueando seu desenvolvimento e a conquista de seus sonhos. Um professor que seja agredido verbalmente, sistematicamente (algo comum em tempos contemporâneos), sem mais a esperança de que algo possa ser feito, para mudar esse quadro, pode desistir do sonho de transformar a sociedade através da educação e se direcionar para outra área profissional, distante da sua vocação, muitas vezes, gerando, insatisfação e por fim, infelicidade.

Depois das estatísticas trazidas pelos estudos de Wiselfisz (2013) e a ponderação de outras consequências do fenômeno violência, o exemplo, acima citado, traz a baila o fenômeno da violência na escola. Assim como os dados de homicídio, de trânsito e de morte em guerras nos indignam, nas escolas não é diferente.

Uma pesquisa realizada com professores na rede estadual de SP constatou que 95,9% dos docentes já presenciaram comportamentos violentos entre alunos durante as aulas (TOKUYOCHI *et al.*<sup>2</sup>, 2008 *apud* NETTO-MAIA, 2013). Outra pesquisa com professores observou que 87,3% dos professores entrevistados já vivenciaram algum episódio de violência no ambiente escolar, afirmando que a frequência de receber insultos verbais acontecia praticamente todos os dias. (LEVANDOSKI *et al.*, 2011).

---

<sup>1</sup> MALTA, Débora Carvalho *et al.* Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciências e Saúde Coletiva**, v. 15, p. 3053-3063, 2010.

<sup>2</sup> TOKUYOCHI, Jorge Hideo *et al.* Retrato dos professores de educação física das escolas estaduais do estado de São Paulo. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 4. p. 418-428, out./dez. 2008.

Mas seria essa a busca do ser humano? A violência? Podemos dizer, sem dúvida alguma, que o ser humano busca um mundo sem violência, já que é aterrorizante o fato de vivermos com medo e aprisionados em nossas próprias grades. Um mundo violento é um mundo de infelicidade. E ao contrário, um mundo sem violência é um mundo de paz, de felicidade.

Em resposta ao alarmante cenário descrito, aos constantes atos de vandalismo, furto, roubo, assassinatos, brigas generalizadas, etc., a população faz exigências de soluções. Contudo, as reivindicações da população e as ações das instituições públicas são direcionadas para a repressão. Comprovamos isso nas iniciativas como diminuição da maioria penal; aumento do efetivo policial nas ruas; cercamento de escolas e parques públicos; instalação de câmeras cobrindo toda a cidade (em especial, estas como se fossem a salvação). Enfim, podemos dizer, sem banalizar as críticas à repressão, que já foram bastante discutidas em outros estudos, que as ações do poder público e as possíveis soluções manifestadas pela coletividade visam dar corpo e reforçar as formas de repressão da violência. Mas, será que, ao aumentarmos a repressão, estaremos construindo a paz? Ao colocar policiais dentro da escola para evitar a violência entre os estudantes (o que já seria uma violência. Mas digamos que seja uma boa estratégia), isso garantiria que estes seriam pessoas pacíficas em outros locais de convivência? Mais do que isso, a escola estaria fazendo seu papel de promover o desenvolvimento dos seres humanos? E, será que, aumentar a multa de trânsito, é um meio eficiente para que os condutores se conscientizem, para além das lentes dos radares, de que devem andar em velocidades legais, para não causar danos a si mesmos e ao próximo?

Barrar a violência não significa necessariamente construir a paz. Pensando assim, e sentindo o desejo de colaborarmos com a construção de uma sociedade pacífica e solidária, em que a dignidade da vida de cada pessoa seja respeitada e que cada ser humano contribua para a felicidade da humanidade e a sua própria, manifestando seus potenciais para o bem e para as mais diversas vocações, chegamos ao tema da Cultura de Paz. E perguntará o leitor: será que se promovermos a paz, estará a violência, necessariamente, sendo barrada? Pois pensamos que, onde se constrói a paz, não há espaço para a violência. Seria ilógico e antagônico haver violência onde haja paz.

Considerando que há uma cultura de paz a ser construída e que esse pode ser um caminho para promovermos o respeito entre as pessoas e, considerando que as aulas de Educação Física podem ser um espaço importante para tal propósito, elegemos como problema de pesquisa: como o professor de Educação Física percebe a Promoção da Cultura

de Paz no ambiente escolar? Para começarmos entender a Cultura de Paz, daremos início ao trabalho partindo de um referencial teórico que analisa, num primeiro momento, o fenômeno violência e, principalmente, a violência escolar e suas nuances, para depois, adentrarmos ao tema da Promoção da Cultura de Paz.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Compreender como o professor de Educação Física percebe a violência e a promoção de uma cultura de paz no ambiente escolar.

### **2.2 ESPECÍFICO**

Compreender as percepções sobre violência e cultura de paz do professor de Educação Física, no ambiente escolar.

Compreender como o professor trabalha as questões de violência e paz nas suas ações pedagógicas.

Refletir sobre as possibilidades da promoção de uma cultura de paz, na visão do professor de Educação Física.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 VIOLÊNCIA

Para adentrarmos no tema, partimos do entendimento do que seja violência. Traremos o conceito de alguns autores, para chegarmos a um entendimento mais coeso do fenômeno. O Dicionário Virtual Aurélio conceitua violência como: “qualidade ou caráter de violento. Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém” (FERREIRA, 2014). Por curiosidade investigativa, e a necessidade de chegarmos próximo à simplicidade última do termo, tentaremos esmiuçar ao máximo o conceito de violência e suas relações linguísticas no próprio dicionário. Dos significados acima, optamos por seguir a linha do constrangimento, que significa estado de quem está constrangido. E constrangido, o significado que julgamos ser o mais coerente com o tema aqui estudado, significa acanhado. Mesmo depois dessa investida, onde passamos por quatro vocábulos (violência – constrangimento – constrangido – acanhado), não chegamos ao entendimento final que satisfizesse a compreensão plena. Fomos um pouco além. Encontramos no significado de acanhado, do nosso ponto de vista, algo que tem relação direta com a violência: de tamanho limitado, menor do que o necessário ou desejado; apertado, estreito. Diz-se daquele cujas faculdades intelectuais são limitadas: espírito acanhado.

Por que investigar o significado de palavras num dicionário? Pois bem a linguagem falada é um dos instrumentos mais usados para nos comunicar, o que significa trazer ao exterior o que sentimos ou pensamos. E, estes se traduzem em comportamentos. Podemos assim entender melhor o comportamento das pessoas.

Vejamos: expressões como “limitado”, “menor do que o necessário”, “apertado”, “faculdades intelectuais limitadas”, como significantes de acanhado, levou-nos ao seguinte raciocínio: o ato violento, praticado por quem quer que seja, indivíduo ou instituição, é um comportamento que objetiva diminuir, apertar, limitar, menosprezar aquele a quem está sendo direcionado. E, parece-nos, que em último grau, o ato violento busca aumentar, libertar, expandir aquele que pratica o ato. Talvez deparemo-nos aqui com um dos motivadores da violência. Motivador este que está entranhado nas profundezas do ser humano.

Depois do Aurélio, uma definição compartilhada por todos é o conceito trazido pela Organização Mundial da Saúde – OMS (*apud* NETTO-MAIA, 2013, p. 798):

A violência é definida como o uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa ou um grupo, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Nessa perspectiva, a violência não é exclusiva dos tempos hodiernos.

Segundo a OMS, a violência pode levar à lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. Percebemos que todas as consequências são formas de diminuição do outro ou de si. Se pensarmos numa briga física, o objetivo é que ao término da contenda, um sai mais lesionado do que o outro. Ou seja, um dos protagonistas estará diminuído em suas condições físicas normais. Se a violência tenta diminuir a vítima, sendo esta já diminuída, praticar um ato violento é mais fácil contra o oponente nessa condição. Para ilustrarmos: se uma pessoa pequenina, sem nenhum recurso além do seu corpo destreinado, dificilmente investirá noutro sujeito com a mesma condição de destreino, porém, de tamanho maior. Isso não é regra. Contudo, grupos e pessoas diminuídas em suas condições físicas, psicológicas, econômicas e sociais, num processo histórico de discriminação e preconceito, são as maiores vítimas da violência. Em material do Ministério da Saúde encontramos referência sobre isso:

Ela (a violência social) se manifesta nas discriminações e preconceitos em relação a determinados grupos que se distinguem por sua faixa etária, raça, etnia, seu gênero, suas necessidades especiais, sua condição de portadores de doenças e de pobreza. Assim, crianças e adolescentes negros, mais do que os brancos, estão sujeitos à discriminação; crianças e jovens do sexo masculino, mais do que os do sexo feminino, estão sujeitos à violência fatal; crianças e adolescentes do sexo feminino são mais vitimadas pela violência não letal; deficientes físicos, portadores do HIV/aids e crianças e adolescentes pobres são mais vulneráveis e expostos aos acidentes e violências e aos danos por estes provocados. (BRASIL, 2004, p. 24).

Sposito (1998, p. 60) conceitua violência como “todo ato que implica na ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se assim a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”. Complementa ainda que, também, práticas mais sutis e cotidianas como o racismo e a intolerância e, até, os mecanismos relativos à violência simbólica, são violência (SPOSITO, 1998).

Na conceituação do autor encontramos a expressão “ruptura de um nexos social”. O que seria esse nexos social, que ocorre, até mesmo, quando há uma relação de conflito? Recorremos mais uma vez ao dicionário Aurélio, o qual define nexos como ligação, vínculo, união, conexão. Usando o termo união para prosseguir a análise, temos que este significa associação de diferentes coisas, de modo a formar um todo. Então, pela definição de Sposito,

com o auxílio do Dicionário Virtual Aurélio, a violência é um ato que rompe a união, desassociando diferentes coisas, não possibilitando o todo. Ao pensarmos a união como a associação de diferentes corpos (seres humanos) de modo a formar um todo, chegaremos à humanidade, que, segundo o mesmo Aurélio, significa o conjunto de todos os homens. Podemos considerar, então, que a violência, por romper o nexos social, a união, é um ato que rompe a humanidade. Yves de La Taille (2013) afirma, em diálogo no programa Café Filosófico na TVE Campinas, que a sociedade contemporânea é uma sociedade fragmentada. Em consequência caminha em direção ao tédio, depois ao estresse, à depressão e, por fim, muitas vezes, ao suicídio.

Sendo a violência um ato que rompe o nexos social (a união), fatos já banalizados em cotidiano, como agressão física, xingamentos, discussões, manobras aventureiras no trânsito, arrancadas de rali pelos ônibus coletivos, trapanças para subir de carga, traição, depredação do patrimônio, educação pelo medo, pedagogia do berro “onde tudo se resolve gritando” (BOSSLE; MOLINA NETO, 2009) não seriam atos que rompem o nexos social e geram violência?

Estaria, então, a violência levando a sociedade a se romper/fragmentar? Ou a sociedade fragmenta-se e contribui para o fenômeno da violência, já que não reconhecemos mais no outro, um ser que faz parte do todo, da humanidade? Acreditamos que, aqui, haja um círculo vicioso, onde o fenômeno da fragmentação potencializa o fenômeno da violência e vice versa. Porém, a sociedade, em função das inúmeras crises e distorções dos valores humanos, retratados pelo consumismo, pelo acúmulo de capital, pelos relacionamentos superficiais, pelo desrespeito à dignidade da vida de cada ser, etc, fragmenta-se em ritmo acentuado. Assim, esta contribui sobremaneira para o desenvolvimento de uma cultura da violência, gerando, conseqüentemente, uma sociedade violenta.

Além da violência em si, outro ponto que nos surpreende negativamente, é o fato de que, como coloca Silva (1997), as várias formas de violência, produzidas no cotidiano da sociedade, parecem não mais indignar a população brasileira. Os fatos violentos são tão “normais” que não nos surpreendemos mais com o fenômeno. Mata-se, agride-se, ataca-se, censura-se, fala-se mal do outro. Ninguém é punido. Ninguém se envolve. Infelizmente estamos perdendo as características de humano, para agir com nossos mais primitivos instintos, aproximando-nos dos animais.

Indicadores demonstrando altos índices de violência; instituições que deveriam promover a educação do indivíduo para uma convivência pacífica; banalização do fenômeno violência, constante insegurança e medo, constatados nos elevados investimentos em

segurança privada no país. Não estaríamos vivendo uma cultura do medo? Não seria isso reflexo de algo que está entranhado nas atitudes, nos valores, nos costumes dos brasileiros? Estamos vivendo um momento histórico de cultura da violência?

No final do século XIII e no princípio do século seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Os dois termos foram sintetizados por Tylor<sup>3</sup> (*apud* LARAIA, 1986, p. 25) no vocábulo inglês *Culture*, que “tomando em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Por cultura (FERREIRA, 2014), entendemos, dentre outros significados, o cultivo da terra ou das plantas. Cultivar significa dedicar-se, interessar-se por. Então, por cultura da violência poderíamos entender o cultivo, a dedicação e o interesse pela violência. Ainda o hábito, as crenças, os costumes estariam permeados por esse modo de agir.

A sociedade está estruturalmente contaminada, pois os excessos, os arbítrios e os desvios são tolerados e, os que não toleram são perseguidos, isolados ou punidos. Filho (2001).

Filho (2001, p. 21) afirma que “o que torna as formas de violência em cultura é o fato de realizarem a dupla definição de Rousseau: “de serem algo conscientemente ou inconscientemente cultivado dentro de certa comunidade (real ou difusa); e as pessoas serem “educadas” segundo esse procedimento,”

Vejamos se a mídia tem algum interesse nisso. Na última semana de julho, em Porto Alegre, acontecia a Conferência Mundial da Educação em Música; também aconteciam alguns passos a mais no processo judicial do menino Bernardo (assassinado, possivelmente, pelo pai e pela madrasta, em Palmeiras das Missões, RS, Brasil); era uma segunda-feira, pós-rodada do campeonato brasileiro de futebol, na qual houve invasão de torcedores de um time local a uma loja de conveniência, para agressão de outros torcedores. O que tem a ver com esse trabalho? No jornal local de maior audiência do estado, tivemos em torno de 3 minutos dedicados à notícia da conferência e, mais ou menos uns 13 minutos às outras duas notícias. Há interesse da mídia sobre violência. Mas se há interesse pela mídia, há também pela população, que dá audiências imensuráveis aos programas de televisão, em sua maioria, carregados de atos violentos, nas mais variadas formas. A programação televisiva em 24

---

<sup>3</sup> TYLOR, Edward. **Primitive culture**. Londres: John Mursay, [1958].

horas, predominam os seguintes temas: corrupção, impunidade, discussões de trânsito, discussões no comércio, etc. São filmes, desenhos, jornais e novelas carregados de violência. “A violência, a cada dia, vem ganhando mais espaço nos meios de comunicação, nos enredos dos filmes, na literatura, entre os adolescentes, nos espaços políticos e policiais” (LUZ, 2004, p. 159).

Crenças, arte, leis, costumes e hábitos voltados para a violência? “O país não tem mais jeito”, “os políticos são todos corruptos”, “a juventude está perdida”, “estamos cada vez mais presos dentro de casa”, “não levo desaforo para casa”, “se eles (políticos governantes) roubam, eu também posso”. Sem contarmos as artimanhas para se “dar bem” (como exemplo, um amigo que ao perder a carteira de identidade, por saber que quando somos roubados temos direito a outra sem custo, registrou na delegacia uma ocorrência, afirmando que foi roubado. Poupança 50 reais). Não seriam essas manifestações das crenças, costumes e hábitos do homem brasileiro contemporâneo? Em relação à arte, muros pintados com expressões de caveiras, músicas com conteúdo agressivo, filmes, novelas e seriados com temas, basicamente, que tratam de traição e violência. Costumes e hábitos de falar mal do colega, não dirimir conflitos pacificamente, coagir os filhos na tentativa de educar, coagir o aluno, na tentativa de discipliná-lo (educá-lo), não tolerar colegas de trabalho por motivos fortuitos, etc.

Se estivermos de acordo que essas atitudes acontecem refletindo significados e valores, e nos valendo do conceito de cultura estamos próximo de que tudo isso é cultura da violência. E lembrando o conceito de violência que em última instância rompe o nexo social, mais o exposto acima, que também rompe o nexo, ou pelo menos cria esse sentimento de querer romper, estaríamos diante de um fenômeno chamado de Cultura da Violência. Para Costa<sup>4</sup> (*apud* ROCHA, 1999, p. 86):

A cultura da violência é aquela que, no vácuo da lei, segue regras próprias, tornando a violência um padrão de referência familiar, corriqueiro, cotidiano: a violência torna-se um item obrigatório na visão de mundo que nos é transmitida. Cria a convicção tácita de que o crime e a brutalidade são inevitáveis.

Filho (2001) em estudo que procura demonstrar que a normalidade dos nossos relacionamentos no Brasil é violenta, afirma que haveria uma cultura da violência à medida

---

<sup>4</sup> COSTA, Jurandir Freire. O medo social. **Veja 25 anos: reflexões para o futuro**, São Paulo, p. 83-89, 1993.

que a cultura, como *Habitus*<sup>5</sup>, incorpora as práticas de violência. O autor coloca ainda que a violência instala-se, em SP, no cotidiano das pequenas ações em que se reflete a frieza, a indiferença em relação ao outro. Considerando que nossas ações são subordinadas a princípios internos, compreendemos que, seja nas pequenas ações do cotidiano ou, seja nas grandes ações institucionais, o motivador da frieza, da indiferença, do descompromisso, do descuidado com o outro, é o egocentrismo e o sentimento de não pertença a um todo chamado humanidade. Para Filho (2001, p. 24):

Os hábitos institucionais e empresarias de simplesmente não responder aqueles que fazem consultas, pedem explicações ou apenas aguardam um sim ou um não a uma solicitação, o hábito de não informar o outro quando o compromisso não será cumprido, o simples deixar sem resposta todas as solicitações, apontam para uma sociedade em que a insensibilidade mútua vira rotina.

O mesmo autor nos traz ainda uma interessante classificação do “agir violento”, o que segundo ele, podem caracterizar uma Cultura da Violência:

*Um agir indiferente*, onde, por não haver punição, indivíduos agem imperturbavelmente em direção aos seus interesses, à revelia de normas e direitos constituídos; *um agir vândalo*: destruição insensível e inconsequente do bem público, dos símbolos de cidadania, de urbanidade, indo até as formas elementares de interação social; *um agir cínico*, um agir inescrupuloso, oportunista, que ignora e é arrogante diante das responsabilidades (FILHO, 2001, p. 21).

### 3.2 VIOLÊNCIA E ESCOLA

Aquino (1998) afirma que existem duas tônicas nos estudos sobre violência escolar: uma de cunho sociologizante, que possui como causa raiz da violência os aspectos culturais, econômicos e políticos, no dado momento histórico e a outra de cunho psicologizante, que trabalha com a questão da estruturação psíquica dos sujeitos, como a causa raiz do fenômeno, sendo ambas exógenas à escola. Segundo o autor, isso geraria uma resignação, um desconforto e uma desincumbência perante a violência, posto que o germen do fenômeno reside fora da escola., o que levaria sempre à mesma ação perante fatos violentos: o

---

<sup>5</sup> Habitus: um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações. (BOURDIEU, 1983b, p. 65).

encaminhamento. O que mudaria, de fato, seriam, apenas, os personagens a quem se encaminha: coordenadores, diretores, pais, psicólogos, polícia, outra escola. Embora seja comum pensarmos que o que se cria no interior da escola seja um efeito cascata daquilo que está sendo gerado no seu exterior, é evidente que a escola não só (re)produz as forças exógenas a ela, mas também produz algo novo, por meio da (re)apropriação do que vem de fora, caracterizando um entrelaçamento entre as diferentes instituições que definem a malha de relações sociais (AQUINO, 1998). Em relação a perspectiva psicologizante, também não se pode colocar a gênese de qualquer problemática escolar sobre a “personalidade” ou “identidade” do sujeito, pois este, não pode ser encarado como um protótipo individual de uma suposta programação padrão, já que ele é efeito de uma equação institucional, ou seja, sofre influência das instituições que o cercam (AQUINO, 1998).

A relação da violência com a escola é tratada sobre dois vieses: a violência na escola e a violência escolar. A violência na escola refere-se, segundo Viana (2002, p. 126), “a toda e qualquer forma de violência que ocorre na escola, mas que não é produzida por ela. Sua fonte é extraescolar”. Ou seja, quando tratamos de violência na escola, significa que esta não é produzida dentro do seio escolar. É a violência social ultrapassando os portões da educação. Essa violência está de acordo com a tônica sociologizante dos estudos, em que a causa primeira da violência é devido às questões estruturais. Como exemplos, temos a invasão de outros alunos, gangues rivais que manipulam alunos, comércio de drogas, roubo e furto nas dependências da escola, assalto a professores, etc. E, também, está de acordo com a linha psicologizante, já que não é produzida na escola.

A violência na escola parece estar, de certa maneira, reproduzindo as características e fenômenos da sociedade. Sebastião, Alves e Campos (2003) afirmam que a violência, nas mais variadas formas, pode ser considerada hoje um elemento estrutural das sociedades industrializadas ocidentais e que a violência na escola, com suas especificidades, faz parte integrante desse fenômeno. Coloca Netto-Maia (2013), que a violência acompanha os jovens onde quer que estejam e se torna cada vez mais presente, sob diversas formas, nas escolas do país.

Já a violência escolar, segundo Viana (2002), é uma forma específica de violência, que é gerada pela instituição escolar, ou seja, a escola produz uma violência que é o resultado das suas próprias relações sociais. Como a escola é o resultado de seus atores sociais, visto que ela, como instituição não tem mobilidade, professores, alunos, funcionários, pais, etc, são, conscientemente ou não, geradores dessa violência.

Aquino (1998, p. 13) defende que:

há uma violência positiva, imanente à intervenção escolar, constitucional e constituinte dos lugares de professor e aluno. Nesse sentido, a relação professor-aluno, em vez de tão somente importar efeitos de violência exógenos a ela, os institui quase compulsoriamente.

A violência, como um constrangimento, com o objetivo de obrigar alguém, tanto a fazer como deixar de fazer um ato qualquer, e, a autoridade, como o poder de obrigar a fazer alguma coisa, e obrigatoriamente presente na relação dos atores escolares, tem um ponto em comum: a obrigação de fazer. Assim, não há autoridade sem o emprego de violência e, em certa medida, nem o emprego da violência sem exercício de autoridade (AQUINO, 1998).

Contudo, há um intercruzamento entre as duas características da relação violência e escola. Milani (2003) nos dá um exemplo de como ocorre essa inter-relação, quando coloca que as características pessoais, experiência de vida, capacidades já desenvolvidas e potencialidades acompanham a criança na escola, sendo que os ambientes familiares violentos tendem a estimular comportamentos agressivos e antissociais. É possível identificar um círculo vicioso, segundo ele, onde a violência intrafamiliar e/ou no bairro refletem no ambiente escolar, prejudicando o aprendizado, a autoestima, ensinando a agressão como modelo de relacionamento interpessoal, o que leva o aluno à frustração, a comportamentos antissociais, à agressividade e à própria violência. Isso deteriora, ainda mais, a autoestima e cria o sentimento de inferioridade, que podem ser expressos em mais comportamentos violentos. Como resultado, temos repetência, evasão ou expulsão da escola; professores insatisfeitos, impotentes e amedrontados; e pais preocupados e inseguros, quanto ao ambiente escolar. E por fim, a criança, devido suas dificuldades, pode, ainda, ser vítima de punição por parte dos pais, agravando ainda mais a situação (MILANI, 2003).

Diz-se que os adolescentes e jovens de hoje são mal educados, indisciplinados e violentos. Mas seria a violência uma atitude apenas dos jovens para com o restante da comunidade escolar, como tanto é denunciado pelos professores e funcionários? Ou do restante da comunidade escolar para com os jovens, como argumentam os alunos? Parece haver uma polarização: a violência tende a ser atribuída aos alunos, na relação de aluno para aluno. Educadores e funcionários não se percebem protagonizando esse fenômeno. E os alunos, por sua vez, também jogam a responsabilidade nos professores e na escola. Porém, nos parece que a violência evidencia-se por parte de todos os atores da comunidade escolar. A afirmação de Viana (2002, p. 115) confirma nosso pensamento: “a violência escolar é realizada tanto por aqueles que detêm o poder, quanto pelos que estão submetidos a ele”. Quem detém o maior poder na escola são os professores. Mas, os outros atores, também são

protagonistas da violência escolar. Nesse sentido, um aspecto importante a se analisar na produção da violência escolar, segundo Silva (1997), é o psicológico, pois o indivíduo, normalmente identifica os problemas no outro, mas raramente reconhece-se como parte deste, ou causador dele.

Segundo Sposito (1998) os aspectos históricos, culturais e políticos, os quais imprimiram suas marcas na constituição da nossa sociedade colonizada é um elemento explicativo habitual. Então, partindo dos processos históricos do Brasil, desde sua colonização, quando a baixa civilidade portuguesa era mandada para o Brasil, mais os aspectos culturais brasileiros, que podemos resumir na expressão “lei de Gerson”, ou “jeitinho brasileiro”, somada a impunidade e a crescente corrupção dos governantes públicos, entendemos, em parte, o crescimento vertiginoso do fenômeno. As próprias instituições públicas não focam no problema com o objetivo real de vencer essa demanda. Muito antes, as ações e projetos têm como objetivo final garantir a próxima eleição. Isso é constatável pelo alto investimento em propagandas de governos, pelas grandes campanhas publicitárias próximas às eleições e pelas pomposas inaugurações de grandiosas obras, nesse mesmo período.

Continuando, precisamos ponderar o descrédito da instituição escolar, pelos próprios alunos. Silva (1997), nesse sentido, afirma que inexitem referências capazes de dar novos sentidos à educação, revelando que as pesquisas apontam que a maior parte dos vínculos no espaço escolar decorre das formas de sociabilidade entre os pares, e de alguma relação mais significativa entre os professores, mas que tais interações não são produto deliberado das orientações educacionais. Essa falta de referência talvez seja uma das consequências de nosso sistema educacional estar voltado extremamente para a produção de mão-de-obra, desqualificando-se como um promotor de humanidade. A escola não estaria falhando em seu papel de promover um convívio social saudável, onde ajam diálogos e trocas humanas entre seus mais variados atores? Para além do ensino de conteúdos selecionados, para que sejam decorados com a finalidade de prestar um vestibular, a instituição escolar não deveria promover relacionamentos mais significativos, onde o professor seja uma das referências de conduta, criando um sentimento de segurança e encorajamento, para o aluno enfrentar ativamente as vicissitudes da sociedade fora da escola?

No entanto, o professor, por ser conhecedor das teorias do desenvolvimento humano e por acompanhar a formação do indivíduo por um longo período em sua vida, é um ator imprescindível, e com enorme potencial na construção de um ser humano mais humano e, conseqüentemente, uma sociedade pacífica, promovendo a ruptura desse círculo vicioso da

violência. Corroboramos Landim e Araújo (2013), quando afirmam que a escola não pode ser milagreira e resolver por completo o problema da violência escolar, mas ela é importante alternativa para revertermos essa realidade que ela própria vivencia, seja na condição de autora, vítima ou como palco da violência.

Daqui decorre um cuidado importante: professores e funcionários devem estar conscientes do seu papel e de como esse papel é desempenhado, tendo atenção e zelo com suas atitudes, comportamentos e falas no dia a dia da escola. A cada ação feita por qualquer agente escolar, a cada orientação, estará este, reproduzindo ou produzindo uma cultura que, em última instância, educa/deseduca quem está a sua volta. Promove paz ou promove violência. Podemos concluir que a própria escola tem capacidade de produzir novos valores, visando um ser humano mais humano, mais cooperativo, pacífico, promovendo uma nova era de humanidade e paz, precisando, para isso, se empenhar com paixão e força, cavando, se necessário, a cultura de paz.

### 3.3 CULTURA DE PAZ

Milani (2003) coloca que a mobilização em prol da paz teve início pelos sofrimentos do pós-guerra ou pelo medo de um conflito nuclear. No Brasil o motivador foi a violência urbana e o aumento da criminalidade. Com isso ela ficou vinculada à redução da criminalidade e de mortes violentas. O autor coloca que refletir sobre uma cultura de paz, passa por uma análise de como a sociedade compreende e pretende enfrentar a violência.

Estariamos vivendo uma cultura de violência no Brasil, conforme nosso breve estudo no capítulo anterior. São corriqueiras na vida do brasileiro as notícias como assassinato ou acidente de trânsito com vítimas, muitas vezes fatais; depredação de patrimônio; assédio moral e competições desonestas no trabalho; gritos e expressões carregadas de ódio para conter os alunos, nas escolas; conflitos verbal, físico e gestual nos ambientes escolares; violência de alunos contra professores, às vezes levando a óbito; traições, trapaças, violência doméstica, relacionamentos agressivos; etc. Estamos retratando, como diria o imaginário comum, “o quadro da dor”. Sim, pois queremos demonstrar que, mesmo que tenhamos gestos humanos e amorosos, estamos caminhando, para um quadro de violência generalizada. Mesmo que muitos busquem lapidar-se, evitando agir violentamente, mesmo que alguns se ergam para a construção da paz, não estão sendo suficientes os esforços, para fazermos uma mudança a nível estrutural, em relação ao fenômeno da violência. A cultura da violência avança sorrateiramente, sem que percebamos que estamos sendo envolvidos por ela.

Embora não tenhamos, ainda, uma popularização da chamada cultura de paz, já que muito pouco ouvimos sobre ela, quer seja no cotidiano das escolas, nas universidades, nas organizações de massa e na sociedade civil, a preocupação com a sua promoção já vem de algum tempo. Dusi, Araújo e Neves (2005) elencam três documentos da ONU que tratam da cultura de paz: a Declaração dos Direitos da Criança (1959), a qual estabelece que as Nações Unidas ressaltam os direitos humanos fundamentais, a dignidade e o valor do ser humano, alertando quanto à necessidade de a criança ser criada num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal; a Declaração sobre os Direitos dos Povos à Paz (1978), a qual proclama que os povos do planeta têm direito sagrado à Paz, e que proteger e fomentar sua realização constitui uma obrigação fundamental do estado; e o documento mais importante lançado pelo ONU sobre a promoção da paz é a Declaração Sobre Uma Cultura de Paz, datada de 1999, que é proclamada com o objetivo de que “os Governos, as organizações internacionais e a sociedade civil possam orientar suas atividades por suas sugestões, a fim de promover e fortalecer uma Cultura de Paz no novo milênio”. Neste último documento, nas suas considerações iniciais, já se coloca onde deve ser construída a paz: “posto que as guerras nascem na mente dos homens, é na mente dos homens onde devem erigir-se os baluartes da paz.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1999, p. 2)

Para podermos orientar nossas atividades a fim de promovermos a paz, como coloca o trecho da declaração citado acima, precisamos saber, primeiramente, do que se trata a paz. Pois só assim teremos um norteador dos caminhos que podemos trilhar.

Harmonia, concórdia, sossego, tranquilidade, calma, repouso, estado de não-beligerância, são alguns significados do termo paz, (FERREIRA, 2014). Termos e palavras que nos remetem a sensação de bem – estar. Tais sensações e sentimento, os quais fazem parte do interior do ser humano.

Para a ONU, conforme a declaração de 1999, “a paz não é apenas ausência de conflitos, mas constitui-se num processo positivo, dinâmico e participativo em que se promova o diálogo e se solucionem os conflitos dentro de um espírito de entendimento e cooperação mútuos” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1999, p. 2). Entendemos essa visão como processos exteriores ao ser, onde há ação para a construção da paz.

Dusi, Araújo e Neves (2005, p. 136) definem que:

A paz envolve uma visão de construção, de ação e de investimento pessoal na autotransformação e na transformação do meio, com vistas à dignidade e

ao desenvolvimento, sendo caracterizada não por um movimento reduzido de combate a violência, mas algo construído, das mais simples as mais elaboradas ações e interações do cotidiano.

Dusi, Araújo e Neves (2005) nos chama a atenção para a paz como uma ação de autotransformação e transformação do meio, com vistas à dignidade e ao desenvolvimento. Podemos inferir que a paz pode ser um conjunto de ações voltadas para o aprimoramento humano, com o objetivo de alcançarmos o bem-estar, ou a própria felicidade.

Ainda, conforme Milani (2003) a paz não é apenas um intervalo entre guerras e, a mera assinatura de acordos e tratados é insuficiente para construí-la, enquanto os valores de violência, dominação e conflito se mantiverem. É preciso fazer uma relação aproximando a vida na escola, pois boas intenções e belos discursos não bastam para criar relações de paz, respeito e cooperação. Ou seja, precisamos colocar a mão na massa.

Retomando a ideia de cultura, trabalhada anteriormente neste estudo, entendida como um todo complexo que inclui crenças, hábitos, costumes, valores, etc. O Artigo 1º da Declaração sobre uma Cultura de paz vai ao encontro do entendimento, quando define que Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados em alguns pontos, entre os quais: respeito à vida, fim da violência, promoção e prática da não-violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação; no pleno respeito e promoção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais; no compromisso com a solução pacífica dos conflitos; nos esforços para satisfazer as necessidades de desenvolvimento e proteção do meio-ambiente; na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, cooperação, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento em todos os níveis da sociedade e entre as nações (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1999, p. 2).

Milani (2003) coloca que a Cultura de Paz abrange todos os ideais pelos quais a humanidade anseia, como justiça, igualdade entre os sexos, fim do racismo, tolerância religiosa, equilíbrio ecológico, respeito a minorias, educação universal e liberdade política. E que Promoção da Cultura de Paz significa trabalhar de forma integrada esses ideais.

Construir uma Cultura de Paz é promover as transformações necessárias e indispensáveis para que a paz seja o princípio governante de todas as relações humanas e sociais. São transformações que vão desde a dimensão dos valores, atitudes e estilos de vida até a estrutura econômica e jurídica, as relações políticas internacionais e a participação cidadã, só para citar algumas (MILANI, 2003).

Na participação da construção de uma cultura de paz, existem dois níveis possíveis e complementares, para que se tenha eficiência na promoção da cultura de paz: o micro, em que qualquer pessoa, por menor ou mais simples que seja sua atuação, estará dando a sua parcela de contribuição; (importante pensarmos o outro lado dessa moeda. Pois cada ser humano, por menor ou mais simples que seja sua atuação, se não tiver consciência das consequências de suas ações, poderá estar dando a sua participação para a construção de outra cultura, a cultura da violência); e o nível macro, que diz respeito aos processos sociais, estratégias de mudança coletiva, políticas públicas e estruturas institucionais, etc (MILANI, 2003). Nesse nível, no qual podemos incluir a escola, Milani ressalta que são necessárias qualificação e experiência, além de capacidade de articular e integrar esforços dos mais diversos atores sociais (MILANI, 2003). “Os níveis micro e macro são complementares, interdependentes e precisam ser trabalhados simultaneamente”. (MILANI, 2004, p. 24).

“Repudiar todas as formas de violência, especialmente a cotidiana, e promover os princípios da liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas” significa, segundo a ONU, viver a Cultura de Paz (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2003).

A Educação para a paz adquire especial importância perante o alarme social que a violência está provocando (MUÑOZ, 2013, p. 281). Acreditamos ser a escola a instituição capaz de mobilizar a comunidade local dando esse “pontapé” inicial rumo à promoção de uma cultura de paz. Embora não possamos colocar a escola como salvadora da pátria, nem jogar toda a responsabilidade por uma educação moral para a paz nas costas dos professores, é ela uma das instituições mais importantes nessa construção. No artigo 4º da Declaração sobre uma cultura de paz, reza que “a educação, em todos os níveis, é um dos meios fundamentais para construir uma Cultura de Paz. Neste contexto, a educação sobre os direitos humanos é de particular relevância” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1999, p. 2).

Milani (2004) ao analisar três sugestões de redução da violência juvenil: educação e terapia direcionada aos pais; educação e programas centrados nas escolas, visando alterar os fatores ambientais; e programas que incluam escolas, meios de comunicação, organizações comunitárias, num esforço de mudar atitudes; considera que a escola, sendo o foco da segunda, presente na terceira e podendo sediar a primeira, é um parceiro crítico de qualquer esforço de prevenção da violência na adolescência. Dusi, Araújo e Neves (2005) afirmam que à escola enquanto espaço de manifestações e vivências da realidade, compete a tarefa de promoção da paz, de sua vivência e difusão, apresentando-se como um local privilegiado de

observação e intervenção frente a realidade da violência. O educador tem o direito-dever de educar para a paz, fazendo possível o trânsito de uma cultura, educação, para, sobre e na paz, que nos permita a todos vivermo-la, como um processo criativo, com repercussões diretas no cotidiano, criando outro mundo: plural e humano (CORREA, 2003). Em frase atribuída a Ghandi, segundo Muñoz (2013) sintetizamos o parágrafo: “Não existe caminho para a paz, a paz é o caminho”.

Contudo, não basta apenas responsabilizar a escola. Precisamos ir além. Precisamos, antes de tudo, entender o fenômeno da violência, para depois, de forma criativa e inovadora, colocar em práticas os ideais de uma sociedade pacífica, que começará a ser construída pela e dentro da escola. Milani (2003) afirma que, o primeiro passo, para quem desejar atuar de forma consistente na Promoção Da Cultura de Paz, é identificar as premissas que fundamentam o seu modelo mental a respeito dessa temática. Pois sem a consciência das premissas sobre as quais seu próprio comportamento é construído, levará a conclusões erradas. E em se tratando de violência e cultura de paz na escola, essas premissas são recheadas de padrões culturais, medo e outras emoções. Vejamos algumas das premissas trazidas pelo autor: violência como se fosse um ente com existência e vontade próprias; unicausalidade do fenômeno: cada efeito corresponde apenas uma causa; violência dentro da escola é exclusivamente um reflexo da violência lá fora; banalização da paz.

Existem, isoladamente, trabalhos, em algumas instituições no Brasil, voltados para promoção da cultura de paz. Milani (2003) estudou três dessas instituições, buscando desvelar o eixo principal de cada uma delas. A primeira instituição foi uma escola governamental, da rede pública estadual, a qual desenvolveu seu “Projeto de Paz” por iniciativa própria. Escola com 3.000 estudantes de 5º série do Ensino Fundamental, ao 3º ano do Ensino Médio, localizada na periferia do estado. Nessa escola o autor identificou como qualidade definidora do projeto o processo de inclusão. Vejamos algumas ações desenvolvidas pela escola: reunião com os pais, sensibilizando-os para um maior envolvimento com a escola. Nesta reunião foram identificados problemas da escola e soluções, sendo estas resumidas numa única palavra: Paz; criação da Associação de Pais e Mestres, que passou a participar ativamente do cotidiano escolar; postura proativa da diretora, buscando melhorias para a escola, junto à autoridade governamentais e à comunidade (estudantes e pais se ofereceram para realizar oficinas de esporte e alfabetização para adultos, no final de semana); retorno à escola dos evadidos e expulsos, os quais assinavam o termo de compromisso de que não iriam abandonar a escola; estabelecimento de parcerias com associações que promovem cursos profissionalizantes, duas empresas de estágios e uma rede de supermercados de bairros

periféricos. Como resultado, 200 estágios e 22 egressos no cargo de subgerente da rede de mercado e 2 gerentes; encorajamento dos estudantes para entrarem na universidade, oferecendo até mesmo turmas de pré-vestibular com professores voluntários, nos finais de semana; para cobrir férias dos professores titulares, utilizando-se da autonomia outorgada pela secretaria, contratou, como professores temporários, egressos da escola que tivessem concluído nível superior em licenciatura; alguns estudantes evadidos e expulsos, contratados como inspetor. (MILANI, 2004).

A segunda instituição estudada foi uma organização não-governamental. A qualidade definidora dessa instituição, para construção da paz, foi o protagonismo juvenil. A ideia nasceu no “comitê assessor jovem” da secretaria de saúde do estado, que sugeriu colocar adolescentes dentro das Unidades de Saúde com o objetivo de atrair e acolher seus pares. A proposta foi formar adolescentes multiplicadores de saúde, para atuarem na comunidade. (MILANI, 2004). O trabalho desenvolvido pela ONG, segundo Milani, proporcionou um novo olhar do adolescente sobre si mesmo e sobre a comunidade, autodescoberta, fortalecimento da identidade pessoal e coletiva, resultando em benefícios para os indivíduos, em sua autoestima e autocuidado, e para a comunidade.

A terceira instituição analisada foi uma escola internacional vinculada, filosoficamente, a uma religião que tem a paz com eixo central. A escola, na fala de um de seus professores, não existe para ensinar, mas para construir pessoas (MILANI, 2004). O autor identificou como qualidade definidora da escola a valorização da diversidade, tendo 4 características recorrentes da escola: liberdade, confiança, valorização e escuta. Aparecem nessa instituição alguns pontos e ações que nos chamam a atenção: direção e professores tem uma relação de muita qualidade, almoçando juntos, partilhando as mesas, alimentando-se com a mesma comida, sala do diretor aberta e com livre acesso dos professores; destaca-se um Programa de extensão (voluntariado), em que se desenvolve uma ação coletiva por semestre, com o objetivo não só de assistencialismo, mas como “parte do desenvolvimento dos adolescentes, e aprendizado para lidar com a diversidade”; promoção de uma clima de abertura, aceitação e conflitos resolvidos de forma não-violenta; para trabalhar a diversidade, a escola incluiu da disciplina de ética, no currículo de todas as séries, tendo como um dos temas o estudo transcultural das religiões do mundo; projetos transversais envolvendo todas as disciplinas; desenvolvimento de virtudes, trabalhando tanto individualmente, por cada professor, quanto nos projetos coletivos; professores são incentivados a trabalhar em prol dos princípios da escola. A educação física, por exemplo, trabalha com jogos cooperativos, torneios com as demais escolas internacionais, onde estudantes se hospedam na casa de outros

estudantes e os times que representam as escolas são formados pelos alunos interessados em participar, e não pelos melhores estudantes. Milani (2004) enfatiza que “a sinergia entre os valores cultivados, as práticas adotadas, as atividades cotidianas, as posturas individuais e os projetos coletivos reflete-se em mudança de comportamentos, por parte de todos os envolvidos nessa comunidade escolar”.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 MÉTODO DE ABORDAGEM

O desenvolvimento do estudo foi realizado com base na pesquisa qualitativa. Para Bardin (2004) a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do contexto social. Segundo Negrine (2010), o pressuposto fundamental deste tipo de pesquisa é que sua linha mestra se sustenta na não generalização, ou seja, as inferências produzidas são restritas a um contexto.

A pesquisa qualitativa diferencia-se da quantitativa pela elaboração e utilização dos instrumentos de coleta de informações. Na pesquisa qualitativa trabalha-se com informações, enquanto na pesquisa quantitativa, manipulam-se dados numéricos. Essas informações depois de coletadas são descritas, analisadas, interpretadas e levadas à discussão (NEGRINE, 2010).

### 4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A escolha dos sujeitos foi do tipo intencional por conveniência. Participaram do estudo as duas professoras de Educação Física, de uma escola de ensino médio da rede pública estadual do Rio Grande do Sul, onde foi realizado o estágio curricular obrigatório, para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, no semestre anterior.

### 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

As coletas de informações para esse estudo foram realizadas através de entrevista semiestruturada e observações de campo. Os métodos de entrevistas diferenciam-se pela sua aplicação, possibilitando ao investigador extrair das entrevistas as informações necessárias para reflexão, desenvolvimento e conhecimento do seu objeto de estudo (MONTEIRO, 2011).

Nos estudos qualitativos, as entrevistas são as técnicas mais utilizadas e, dentre elas, a entrevista semiestruturada em primeiro lugar. Após a realização do estudo dos referenciais teóricos, e por considerarmos que o entendimento sobre cultura de paz seja algo subjetivo, uma parte da análise do trabalho foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas. Estas “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer

sobre o tema proposto” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75). O pesquisador e o entrevistado se colocam num contexto semelhante a uma conversa informal, sendo dirigida pelo investigador, podendo fazer perguntas adicionais quando oportuno, tanto para elucidar questões não claras, como para voltar ao foco do trabalho, se o entrevistado tiver fugido do assunto. (BONI; QUARESMA 2005).

Justifica-se assim a utilização da entrevista semiestruturada para análise do presente trabalho. Realizaremos um bloco de entrevistas (APENDICE D), com os professores de Educação Física da escola, para tentar compreender como o professor percebe a relação da violência e da paz, e como ele compreende a promoção da cultura de paz, no ambiente escolar. As entrevistas foram gravadas em aparelho *Smartphone*, Nokia, modelo Asha 310, e transcritas posteriormente.

Usamos, também, como instrumento de coleta, a observação. Para Negrine (2010) é uma das funções pelas quais o homem e os animais recebem a impressão externa por meio dos órgãos apropriados, como visão, audição, olfato e tato. É um fenômeno da consciência possibilitada pelos sentidos, singular dos humanos, embora não exclusiva. Valiosa na pesquisa e aplica-se a um objeto externo.

Negrine (2010) traz algumas orientações, que são necessárias para a realização da observação: deve ser contínua e sistemática com a função de registrar determinados fenômenos ou comportamentos; intencionada, com objetivos determinados; e sustentada, ou seja, guiada por um corpo de conhecimentos.

Em relação à modalidade, ela pode ser participativa/ativa ou não participativa/passiva. A observação participativa, segundo Lopes (2006, p. 172), “é aquela em que o pesquisador participa da situação que está estudando”, já a não participativa, “é aquela em que o observador permanece fora da realidade estudada. Seu papel é de espectador, não interferindo ou envolvendo-se na situação”. Em função do nosso objetivo, nos valem da observação não participativa neste trabalho.

#### 4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E COLETAS DAS INFORMAÇÕES

O projeto foi submetido inicialmente à Comissão de Pesquisa (COMPESQ) da ESEF/UFRGS. Realizadas essas etapas fizemos a aproximação com a escola, para autorização e realização do presente estudo, e com os professores, para que estes estivessem cientes do projeto de pesquisa e sua participação no mesmo. Aos professores colaboradores foi solicitado que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido onde constam informações

sobre o projeto de pesquisa. À diretora da escola foram entregues uma Carta de Apresentação do aluno e um Termo de Consentimento Institucional para que estivesse ciente dos procedimentos do estudo, objetivos e responsabilidades da pesquisadora.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISES DE INFORMAÇÕES

Em primeiro momento fizemos a transcrição das entrevistas, de forma fidedigna ao que foi respondido pelas professoras. Em segundo momento, fizemos uma leitura geral, destacando as palavras, frases ou expressões que tivessem relação com os objetivos do estudo. A partir daí, fizemos os recortes necessários, para começar o diálogo com os autores estudados. Somamos aos conteúdos das entrevistas a análise do Plano Político Pedagógico da escola e as observações de campo, sendo que, essas últimas, por não trazerem contribuições significativas para o trabalho, decidimos por não usá-las.

Para realizarmos as análises das informações coletadas, valemo-nos da técnica de Análise de Conteúdo, que, segundo Bardin (2004, p. 38), “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A Análise de Conteúdo toma em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição destes conteúdos e formas”. Utilizamos o processo de categorização, onde os dados foram agrupados considerando a parte comum existente entre eles. Ela é a classificação dos elementos de uma mensagem, seguindo certos critérios, facilitando a análise da informação (MORAES, 1999).

## 5 DISCUSSÃO

Após a coleta de dados, partimos para a próxima etapa da análise qualitativa. Relembrando Bardin (2004) a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, as quais visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Para chegarmos à interpretação e decodificação dos dados, construímos unidades de significado, com base nos objetivos específicos do trabalho. Assim, contemplando o primeiro objetivo, que busca “compreender como o professor percebe as questões de violência e cultura de paz”, foram criadas as categorias *violência*, *situações de violências*, *violência e paz*, e *cultura de paz*. Para responder o segundo objetivo, “como o professor trabalha as questões de violência em suas ações pedagógicas”, criamos as unidades *posição da escola frente à violência* e *conhecimento ou desenvolvimento de algum projeto*. Finalmente, contemplando o terceiro objetivo, “possibilidades de promoção de uma cultura de paz”, criamos a unidade *possibilidades*. Para garantirmos o anonimato dos professores, designamos os dois professores entrevistados como professores “A” e “B”. Assim, partimos para a análise e discussão das referidas categorias.

### 5.1 VIOLÊNCIA

Analisando os trechos da entrevista encontramos a seguinte definições do termo, na fala da professora “A”:

*é aquilo que está fora da ordem. Fora da ordem de relação humana de respeito [...]. É quando está fora de um possível equilíbrio. (Prof. A).*

Os dois professores apresentam uma interpretação em dois âmbitos diferentes sobre o que seja a violência. Enquanto o professor “A” traz uma ideia mais conceitual, do mundo das ideias, portanto, o professor “B” a define pelo ato em si mesmo, o ato de causar uma lesão, seja ela física ou emocional. A definição do professor “A” está de acordo com nosso entendimento de que a violência busca diminuir o outro, ou seja, quebrar esse equilíbrio entre nós seres humanos, que é dado pelo respeito.

*Então, o ser humano tem um mecanismo, um gatilho, que está disponível para ele, que é essa coisa de se armar. É um aprendizado que foi feito desde criança com eles. [...]. Não deve se deixar ser humilhado, que tem que se impor. Tem que isso e aquilo. [...] ter orgulho desse meu filho. Quem não*

*tem ciúme não ama. Se a menina não se cuida ela não é vaidosa. E a vaidade é uma coisa estimulada pelo consumo, pela família. São estas coisas que estão fora de lugar (Prof. A).*

Entendemos na frase “*essas coisas que estão fora de lugar*”, a inversão dos valores. Confunde-se ser humilhado com humildade. Impor-se, com auto-estima e autoconfiança. Orgulho, ciúme e vaidade, os valores no topo da pirâmide. Solidariedade, empatia, cuidado, humildade, compreensão, valores que não mais cultivamos.

O professor “B” se aproxima da definição de violência que é referenciada pela OMS, quando esta a define como o uso da força física ou poder real, para causar algum dano ou privação:

*é um ato que agride outra pessoa. O ato mesmo. É um ato de agressão. Emocional, psicológico, físico. Isso é uma violência. (Prof. B).*

Sendo um ato de agressão, como coloca o professor, causa danos. Tais danos, conforme estudos do referencial teórico, levam ao rompimento do nexos social, ou seja, rompe-se a possibilidade da relação social. Por esse entendimento, corroboramos Sposito (1998), quando coloca que a violência é um ato que nega qualquer possibilidade de relação social que se instalaria pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo ou pelo conflito. Lesa, enfim, a convivência. Ferry (2007) coloca que o ser humano é essencialmente relacional. Se estivermos perdendo a nossa essência, então estamos perdendo, também, a oportunidade de termos algum sentido nesse mundo. Milani (2003, p.104) encontra na fala de uma entrevistada do seu estudo, a qual reside numa zona de conflito entre dois grupos rivais do narcotráfico, a declaração: “eles matam o humano. Eles matam o humano”.

Será que matar o humano não é, também, essa desconsideração pelo outro? Silva (1997) coloca que é surpreendente que a população brasileira não mais se indigne com as várias formas de violência. Estaríamos nós, humanos, agindo como os animais? Ou pior que eles, já que temos a faculdade da razão, algo inexistente neles? Toynbee e Ikeda (1976) concluem que, se o homem, portador da razão, agir por instinto assim como os animais, estará sendo bestial.

Na fala da professora encontramos outro ponto importante a ser discutido: “*ato que agride*”. Notemos que a violência é o ato que agride, mas não é a agressividade. Embora haja uma relação entre agressividade e a violência, elas são coisas diferentes, na visão de alguns autores. Agressividade segundo Minayo *et al.* (2013, p. 23):

ao contrário da violência, inscreve-se no próprio processo de constituição da subjetividade. A transformação da agressividade em violência é um processo ao mesmo tempo social e psicossocial, para o qual contribuem as circunstâncias sociais, o ambiente cultural, as formas de relações primárias e comunitárias e, também, as idiosincrasias dos Sujeitos.

Muñoz (2013, p. 284) em artigo que destaca a importância da educação para a construção da paz, também frisa que a agressividade não é o mesmo que violência, sendo que ela “forma parte do comportamento humano, como um mecanismo adaptativo e força motora para a autoafirmação física e psíquica do sujeito”. O autor entende que a agressividade é inata, enquanto a violência é construída socialmente e, portanto, possível de se desconstruir. Nesse sentido retornamos a colocação de Minayo *et al.* (2013), em que a transformação da agressividade em violência é um processo, para o qual contribui, entre outros, o ambiente cultural. Então, se o sujeito convive em ambientes hostis, violentos, de não amor, naturalmente essa disposição interna se transformará em ato violento. Abramovay e Rua (2003) demonstram que há a prevalência de um comportamento que descarta outro meio de resolver conflitos, favorecendo a violência, o que pode estimular confrontos, sendo esse padrão de reação importante componente da cultura que incorpora a violência no mundo dos alunos.

## 5.2 SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA

A situação da violência é um dos grandes problemas da educação brasileira, o qual não estamos, ainda, aptos a resolver. A cada noticiário, nos alarmamos mais e mais com o crescente número sobre o tema. Embora, sempre haja um quê de sensacionalismo no que chega até nós, via meios de comunicação, admitimos, também, que ela se alastra tanto dentro da escola, quanto fora dela. Estamos, de alguma forma ou de outra, cercados pelos tentáculos do fenômeno chamado violência, embora não estejamos em época de guerra, no Brasil. As pesquisas mostram que, a cada ano que passa, há um aumento do números, o que prova nossa incapacidade diante do problema.

Ao indagarmos as professoras sobre terem vivenciado ou presenciado algum tipo de violência, as mesmas relatam casos em que estiveram nas duas situações. As situações de violência, trazidas pelas professoras, mostram que essas vão, desde a violência simbólica, até a violência estrutural, passando pela violência física. Na fala da professora, podemos identificar a violência simbólica, sendo praticada, tanto pelos alunos quanto pelos professores:

*[...] os adolescentes chegam nessa escola, digamos, vestidos, vamos dizer, de um personagem. [...]. E aquilo que eles vêm vestidos, muitas vezes é*

*violento, porque eles querem colocar um limite para os outros, antes que os outros entrem, no território deles. [...] Por que eles não confiam, ainda. E por que não confiam ainda, eles se armam. Vem com a armadura deles. [...]. Assim como alguns professores entram em sala de aula com armadura, também (Prof A).*

Identificamos que a professora coloca a questão do vestuário como uma atitude de violência, devido à falta de confiança mútua, seja de alunos, seja de professores. O uso de símbolos de poder dispensam a força física ou outros meios, mas silenciam os protestos, e, no ambiente escolar, seriam exercidos entre os alunos e na relação desses com os professores (ABRAMOVAY, RUA, 2003).

Abramovay e Rua (2003) identificaram em seu estudo que, numa variação de 24% a 42% dos alunos das capitais do país, dizem não gostar da maioria dos alunos, o que generaliza uma situação de desconforto e desconfiança entre todos. Essa ausência de empatia e solidariedade, segundo o autor se estende às relações aluno/professor, também. Tanto alunos, quanto professores se armam de alguma forma, para evitar que outros entrem em seus mundos. Nesse sentido Filho (2001) coloca que a violência se instala no cotidiano das pequenas coisas, e que o hábito de não informar ao outro quando o compromisso não será cumprido, por exemplo, apontam para uma sociedade mutuamente insensível. Assim como coloca a professora, os alunos se armam. Os professores se armam. E, se armados estão, logo que uma situação de conflito se manifeste, as “armas” serão usadas. Abramovay e Rua (2003) apontam que a falta de comunicação entre professores e alunos, gera revolta por parte dos alunos, afetando, possivelmente a auto-estima dos estudantes, que não aceitam ser ignorados, encontrando ainda, uma forte crítica à única preocupação com repasse de conteúdo, sem interação com a turma. Por outro lado, os professores se sentem desconfortáveis, pois falta o respeito do alunos, se comportam de maneira autoritária, humilhando e insultando os docentes, além de, em escolares privadas, valerem-se, em muitos casos, do poder ou prestígio da família, para forçar, até mesmo demissões (ABRAMOVAY; RUA, 2003)..

Outro episódio de violência trazido pela professora foi com arma de fogo, no início do corrente ano, na aula teórica de Educação Física:

*[...] o disparo dentro da sala de aula. Que acabou pegando de raspão numa menina. [...]. Depois que foi liberado, eu fui no pátio da escola e perguntei o que eu estava fazendo aqui? O que que eu estou fazendo aqui? Eu naquele momento, e nesse momento, estou esperando eu me aposentar. [...] se eu pudesse, eu me exonerava naquele momento. [...] muitas esperanças se foram” (Prof. A).*

Abramovay e Rua (2003) afirmam que as armas chegam em grande quantidade à escola, sendo justificada pelos alunos, como forma de impor respeito, proteção e defesa, e que, esse campo, a qualquer momento, pode se tornar um campo de batalha. Em estudo realizado por esse autor, o mesmo ouviu de diretores e corpo técnico-pedagógico ser habitual encontrar armas de fogo, além de que, para alguns pais, o porte de armas brancas é algo normal.

Netto–Maia (2013) identificou em seus estudos que muitos professores já vivenciaram algum tipo de violência, até mesmo envolvidos nela, e que muitos não sabem como agir. A professora externa, também, que já não sabe mais o que fazer, além de esperar a aposentadoria, com o agravante de ter perdido a esperança. Abramovay e Rua (2003) afirmam que há uma insegurança expressa pelo corpo pedagógico, devido ao clima de intimidação nas escolas.

Nas respostas, identificamos, também, a violência sendo praticada pelos docentes da escola, estejam eles em sala de aula ou em cargos administrativos, como diretoria, por exemplo. Vejamos:

*[...] tinha um diretor que era extremamente autoritário com os professores. E uma vice-diretora, que ela era também extremamente autoritária com seus professores.[...] E quando eu cheguei, eu ouvi deles: quem eu pensava que era? [...]* (Prof. A).

*[...] foi numa escola, foi publicamente, o diretor abusou de uma criança no banheiro. E outros tipos de agressão, também ,né* (Prof. B).

A atitude da diretoria, que não está mais na escola, bate de frente com o que Milani (2004) identificou como proativo para a cultura de paz, ao analisar o projeto de paz de uma escola internacional, em SP. O autor referiu como um dos pontos identificados como importantes, para a promoção de uma cultura de paz, a qualidade na relação da diretoria com o corpo docente, identificada nos fatos de que a porta da diretoria está sempre aberta, acesso livre dos professores, e a rotina escolar, onde funcionários, docentes e diretoria almoçam juntos.

Pela ação da diretoria, a escola deixa de ser um local de socialização, e passa a ser um local de autoritarismo e violência. “A imagem da escola, como *locus* de fomentação do pensamento humano, parece ter sido substituída pela visão difusa de um campo de pequenas batalhas civis, mas, suficientes para causar uma espécie de mal-estar coletivo nos educadores brasileiros (AQUINO, 1998)”.

Constatamos também, um possível ato de violência contra a disciplina de EFI, manifestada sobre o professor da disciplina:

*[...] por exemplo, eu tinha uma vice diretora, que disse que o professor de EFI que queria pegar o horário de aula no vespertino, era um encosto (Prof. A).*

Não nos surpreendemos, visto que, nossa disciplina, dentre outras, ainda é vista como uma mera tentativa de condicionar o aluno a dar continuidade a sua prática física, no decorrer da sua vida. Nós mesmos, enquanto professores de EFI, em determinadas situações não a idealizamos com o potencial para educar, para contribuir na formação humana do ser humano. Enquanto a EFI não perceber que, juntamente com as artes, tem um papel fundamental na formação humana, devido serem elas, essencialmente relacionais, de convivência, assim como o é o ser humano, não receberá o devido respeito. “Vale lembrar que os humanos nascem *homo sapiens*, mas aprendem a ser humanos com a convivência social” (LUZ, 2004, p. 163). Portanto, temos um papel fundamental nesse momento social tão crítico, pois não estamos conseguindo nos relacionar, conviver, compartilhar momentos de forma pacífica e agradável. Se a EFI possibilita sobremaneira as trocas relacionais, ela é uma grande possibilidade de promoção de ensinamentos sobre relacionarmos-nos com os outros de uma forma mais humana e pacífica. Um breve parêntese, que não justifica a atitude violenta da diretoria da escola, para com a professora e a disciplina de EFI.

### 5.3 POSIÇÃO DA ESCOLA

Percebe-se que a escola não tem uma prática intencional, ou uma estratégia pré-definida ou pré-elaborada, para trabalhar as questões de violência dentro da escola.

*Eu acho que a escola se salva do jeito que ela pode, entendeu? Acho que toda a escola é isso. Ela se salva do jeito que ela pode. Olhando para todas as leis que não lese algum diretor, administrador, professor e assim por diante (Prof. A).*

*Serviço de orientação. [...] Ela tem assim, quando a coisa está demais, mas nunca está demais, eu vou dizer isso aqui não é parâmetro, por que nunca tá demais (Prof. B).*

Falas como, “*a escola se salva de qualquer jeito*”, “*serviço de orientação*”, juntamente com a decisão de expulsão do aluno que escondeu a arma do colega que realizou o disparo, mencionado no item anterior, demonstram que não há uma metodologia que norteie a resolução dos problemas de violência nas escolas. A reação de expulsão, decorrente do disparo, sustenta-se num sistema educacional que encontra como solução dessas questões, a repressão, a exclusão, que determinam a marginalização dos alunos transgressores. Milani (2000) enfatiza que são três as abordagens possíveis pelos diversos atores sociais, diante do fenômeno da violência: repressão, estrutural e cultura de paz. É necessário que a escola pense novas possibilidades de lidar com a violência e novas possibilidades que deem sentido a escola na vida dos alunos.

Tanto escola quanto família precisam vivenciar, concretamente, determinadas situações para, então, buscar soluções, quase sempre emergenciais (LUZ, 2004). Sposito (1998) coloca que há um esgotamento da escola como fomentadora da mobilidade social e um enfraquecimento do seu papel socializador, sendo, um dos desafios, examinar alternativas para redefinir a sua presença no universo de crianças, adolescentes e jovens, buscando construir significados efetivos na vida desses sujeitos. Complementa, ainda, que desenvolver sujeitos autônomos para a vida pública e privada, depende, em parte, dos benefícios que serão apropriados como fruto da escola, mas que esta vem apresentando dificuldades para alterar os procedimentos de exclusão e empreender novos caminhos.

Silva (1997), nesse sentido, afirma que inexistem referências capazes de dar novos sentidos à educação, revelando que as pesquisas apontam que a maior parte dos vínculos no espaço escolar decorre das formas de sociabilidade entre os pares, e de alguma relação mais significativa entre os professores, mas que tais interações não são produto deliberado das orientações educacionais.

Numa das falas da professora, podemos identificar uma atitude corriqueira, no cotidiano das mais variadas escolas, em relação à alguma situação de violência:

*[...] dá um problema maior, eu, num primeiro momento eu pedi pra parar. Dependendo da situação eu já dou um grito também (Prof. B).*

A atitude da professora de, se necessário for, já dar um grito, vai ao encontro do que Bossle e Molina Neto (2009) encontraram em estudo auto-etnográfico, realizado numa escola pública: os autores interpretaram algumas manifestações de violência, no interior da escola, a partir do que eles configuraram como “pedagogia do berro”, onde tudo se resolve no grito.

Essa configuração foi entendida como uma síntese do que poderia estar funcionando mal, e se constituiu numa marca significativa da violência simbólica, na escola estudada.

Analisamos, também, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, com o intuito de encontrarmos elementos que possam direcionar a escola na promoção de uma cultura de paz. Logo no início do seu PPP um dos objetivos é “*buscar uma nova organização de trabalho com base em atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação*”. Os dois elementos, solidariedade e participação, são identificados por Milani (2004, p. 122) como importantes valores a serem construídos para possibilitarmos a promoção de uma cultura de paz. Argumenta ainda que, precisa-se “fomentar, nas novas gerações, vontade, valores e práticas conducentes à cidadania, respeito, diálogo e cooperação, de modo que a cultura de paz possa emergir.”

Milani (2004, p. 101) identifica que a participação é elemento chave para a inclusão social, pois reconhece o outro como cidadão e corresponsável pelo bem-estar coletivo, mas, para que ela se efetive, é preciso vencermos a premissa de que alguém por ser pobre ou ignorante<sup>6</sup> não possa contribuir para o aprimoramento da instituição. Coloca, ainda, que, um projeto visando à cultura de paz deve ser “um processo contínuo de transformação” sendo “essencial a plena participação dos atores envolvidos.”

#### 5.4 VIOLÊNCIA X PAZ

Na resposta da professora sobre a relação entre violência e paz, encontramos, mais uma vez, a constatação de que há uma inversão de valores, o que vai ao encontro do que conhecemos como “jeitinho brasileiro” ou “lei de Gerson”:

*então, no geral, ser bom, ser da paz é ser babaca. Entre eles é. [...] O que é legal é ser esperto. [...] O que é legal é saber se impor (Prof A).*

Nos diálogos cotidianos, ouvimos, corriqueiramente, menções de apreço e admiração, por filhos pequenos, que fazem alguma proeza se valendo da esperteza. Parece que ela se tornou um valor importante a ser cultivado. Será esse um valor importante para um convívio pacífico e humano? Cremos que não. Muñoz (2013) defende que é urgente a necessidade de trilharmos caminhos que tornem realidade a educação nos valores, e, dentre estes, a educação para a paz é de suma importância perante o alarmante problema da violência. Para isso relata

---

<sup>6</sup> Ignorante: que não tem instrução (FERREIRA, 2014).

que a bibliografia e a própria experiência no mestrado e doutorado permitem afirmar ser possível a educação em valores, criando um clima participativo e democrático, através da participação democrática, de hábitos de autonomia e autodeterminação e criação de espaços de diálogos, compreensão mútuas, solidariedade, cooperação, integração coletiva e discussão objetiva de conflitos.

*A violência tira o sossego. Tirando o foco do teu objetivo, no caso da escola. A violência tira o foco do objetivo daquilo que tu quer. Causa uma desarmonia. A paz [...] é o contrário: te possibilita tu trabalhar melhor todas essas relações, com tranquilidade. Precisa saber mediar. É bom quando consegue a paz. Depois de todo o turbilhão. (Prof. B).*

A professora retrata o ambiente que se constitui como consequência da violência: tira o sossego, desarmoniza. Isso vai ao encontro dos estudos de Abramovay e Rua (2003) que identificaram que os alunos não conseguem se concentrar, ficam nervosos, revoltados e perdem a vontade de ir para a escola, em função do fenômeno da violência. Trata-se de um fenômeno preocupante, pois rompe com a ideia de que a escola seja o lugar do conhecimento, de formação do ser humano, como local de excelência para o exercício da ética e da comunicação por diálogo (ABARMOVAY, 2003)

Em relação aos professores, no mesmo estudo, Abramovay e Rua (2003) identificaram a perda de estímulo para o trabalho em primeiro lugar, sentimento de revolta em segundo, e dificuldade de concentração como terceira consequência do fenômeno da violência.

O ambiente escolar violento afeta todos os atores escolares: alunos tem dificuldade de aprendizagem, faltam às aulas, repetem de ano, o que leva a frustração, agressividade e à violência; os professores se sentem insatisfeitos, impotentes e amedrontados; os pais não reconhecem na escola um ambiente seguro (MILANI 2004).

Percebemos que há uma ideia abstrata, interiorizada, do que seja paz. Para Dusi, Araújo, Neves (2005), paz vai além dessa concepção interior, ela envolve uma visão de construção, de ação e investimento pessoal na autotransformação e na transformação do meio com vistas a dignidade e ao desenvolvimento. Nesse sentido, Ikeda (1976) faz referência ao princípio budista *Eisho Funi*, que significa inseparabilidade do indivíduo com o meio ambiente que o cerca, sendo um influenciado e influenciando o outro (TOYNBEE; IKEDA, 1976). Na mesma linha de pensamento, Minayo (2013), afirma que a transformação da agressividade em violência é um processo que tem a contribuição do ambiente cultural. Daí, compreendemos que são necessários esforços máximos para a construção e transformação desse meio, desse ambiente cultural, com ações, atitudes e comportamentos, que objetivem

promover a cultura da paz, e que essa seja disseminada, contagiando todo o meio escolar, desde o aluno até a diretoria, desde o portão da escola até a sala de aula dos professores, passando por cozinha e demais espaços, transbordando para os arredores, massificando a cultura de paz, também, no seio da comunidade, onde se insere a unidade educacional.

“A paz passa a ser construída nas ações e interações cotidianas, das mais simples as mais elaboradas, envolvendo as relações consigo, com o outro e com o ambiente, caracterizando um movimento não reduzido ao “combate à violência”, mas ampliado à “promoção da cultura de paz” (DUSI; ARAÚJO; NEVES, 2005, p. 136). “O vínculo existente nas relações sujeito-ambiente torna a construção e a vivência da paz a sua mais efetiva e eficaz forma de promoção e difusão” (DUSI; ARAÚJO; NEVES, 2005, p. 136).

## 5.5 CULTURA DE PAZ

Cultura de paz não significa uma cultura na qual não existem conflitos, mas sim que estes são resolvidos de forma pacífica e justa (MILANI, 2003, p. 35).

*Cultura é como uma atitude. Acho que cultura de paz é isso assim. É uma atitude, mesmo, na vida. [...] cultura de paz é chamar a responsabilidade para si. [...] Fazer o exercício de se colocar no lugar do outro, que não é fácil, também. Saber como dar limites às pessoas com uma boa palavra. [...] dar um limite fora do orgulho. (Prof A).*

Atitude, chamar a responsabilidade, empatia, (se colocar no lugar do outro) e diálogo (boa palavra), são os entendimentos da professora em relação à promoção de uma cultura de paz, e que vão ao encontro da definição da ONU, quando menciona que ela é um conjunto de atitudes, baseados em alguns pontos, como respeito à vida, prática da não violência, diálogo e cooperação.

Vejamos, na fala da prof. “B”, há um entendimento de cunho mais generalizado sobre cultura de paz, enfocando o trabalhar questões que possibilitem bem-estar e uma especificação mais próxima do conceito, quando sugere a socialização.

*Eu entendo por trabalhar várias questões que levem, que possibilite bem-estar a paz. No meu caso, que é a EFI, como eu posso trabalhar isso? A socialização, né (Prof. B)?*

Um dos pontos para a construção da paz é a adesão a alguns princípios, entre eles a solidariedade (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1999). Embora haja

aproximações com os conceitos, percebemos que a questão da cultura de paz está muito relacionada a sensação de paz, de bem-estar, de identificar nas aulas algum conteúdo oculto sobre solidariedade, ou outro valor. Não há uma compreensão da dimensão do que seja cultura de paz, no seu sentido de agir e planejar uma aula, uma escola, e até mesmo uma comunidade, sob os princípios da cultura de paz. Ainda fica no mundo abstrato, não possibilitando a materialização, a concretude da cultura de paz.

Nesse sentido, aprofundemos um pouco mais o tema. Milani (2003) diz que cultura de paz trata-se de abranger todos os ideais pelos quais a humanidade anseia, como justiça, igualdade entre os sexos, fim do racismo, tolerância religiosa, equilíbrio ecológico, respeito a minorias, educação universal e liberdade política, trabalhando de forma integrada esses ideais, promovendo as transformações necessárias e indispensáveis para que a paz seja o princípio governante de todas as relações humanas e sociais. Repudiar todas as formas de violência, a cotidiana principalmente, e promover os princípios elencados acima (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2003).

## 5.6 POSSIBILIDADES DE PROMOÇÃO UMA CULTURA DE PAZ

*Pequenas ações, talvez sejam possíveis de a gente fazer. Individuais, né. Aí a gente pega um monte, um monte de gente falando sobre isso. Pega o Ghandi. [...] Um querer de 50 % mais um da escola (Prof A).*

As professoras identificam como possível a promoção de uma cultura de paz. Na resposta da prof. “A”, quando menciona pequenas ações, ela visualiza a possibilidade de promoção, no que Milani (2003) se refere como nível micro, ou seja, no âmbito individual, sendo necessário pensar o comportamento, a vida familiar e suas relações na comunidade, local de trabalho e círculo de amizades. Considera ele, ainda, que aqui as possibilidades são infinitas, pois a qualquer momento, qualquer pessoa pode fazer algo para promover a paz, por menor que seja.

*São várias as possibilidades. Esses projetos que tem. Que a escola trabalha com projetos, né. Eles possibilitam né. A escola tem a gincana. [...] É um momento de cultura de paz e de cultura de paz com a comunidade. Trabalhos de horta, que tem às vezes, trabalhos sobre a poluição, enfim, vários trabalhos. E que eles percebam e que a gente também perceba que a gente tem que saber conviver com os outros, com as diferenças (Prof. B).*

Na resposta da prof. “B”, quando fala em projetos, identificamos o nível macro, para a promoção de uma cultura de paz, conforme Milani (2003), que engloba o repensar dos processos sociais, estratégias de mudança coletiva, políticas públicas, estruturas institucionais e programas educativos (gincanas, hortas) voltados para os valores de paz, exigindo qualificação e experiência. “Os níveis micro e macro são complementares, interdependentes e precisam ser trabalhados simultaneamente” (MILANI 2003, p. 32).

Outro ponto interessante que colhemos da fala da professora “A” é que ela coloca que se, 50% mais um (1) do total dos professores se comprometerem com a promoção de uma cultura de paz, esta se tornará possível. Curiosamente, Milani (2004) ao analisar três (3) organizações que trabalham com base nos princípios da promoção da cultura de paz, referiu que, na escola governamental, mesmo havendo apenas metade (50%) dos professores engajados na proposta da promoção da cultura de paz da diretora, já foi suficiente para produzir mudanças marcantes.

## 5.7 PROJETOS SOBRE PROMOÇÃO DE CULTURA DE PAZ

A Prof. “A” fez referência ao seu projeto, que se realiza fora da escola:

*A gente precisa fazer uma ação conjunta para comprar um terreno. Então, para existir, tem haver uma união para comprar o terreno e ser doado. [...]E o trabalho é voluntário. Então o exercício é o conviver. Manter esses jovens juntos, manter esses jovens interessados por aquele lugar. Manter esses jovens fortalecidos perante essa sociedade que tá aí fora, da banalização (Prof. A).*

No primeiro projeto exemplificado pela professora, os valores evidenciados são a união, a partir de um exercício de convivência. Para Boff (2006, p. 32), na filologia da palavra, trata-se de uma “vivência com os outros, jamais sem os outros”, que possui três (3) pilstras: a participação (participantes se sentem sujeitos e responsáveis pela comunidade e obriga a busca convergência, pondo de lado as diferenças); a comunhão (de mentes e corações, criando laços, envolvimento, amizades e objetivando se amarem, fazendo grupos distantes, se sintam caminhando na mesma direção, sonhando sonhos afins); celebração/festas (momento de tolerar arestas, parênteses nos conflitos, fortalecer sentimento de pertença). “Mundo das excelências, o momento da celebração da vida, das lutas, das vitórias e da pura gratuidade de estar juntos” (BOFF, 2006, p. 38). Afirma, ainda que, “ou aprendemos a

conviver e então teremos futuro, ou nos ilhamos em nossas diferenças específicas e identidades excludentes e vamos ao encontro do pior” (BOFF, 2006, p. 39).

Menciona também um encontro que promoverá momentos de convívio e diálogo:

*Agora tem um encontro de diálogo no período do carnaval em 2015 (Prof. A).*

Milani (2004) ressalta que entre as necessidades e estratégias para a promoção da cultura de paz, relação do educador-educando deve fundamentar-se no diálogo. “A educação para a paz deve, em suma, educar sobre um conhecimento construído em diálogo com todos os participantes do processo educacional” (RABANNI, 2004, p. 75). Educar em paz é estabelecer relações de diálogo que favoreçam o intercâmbio de reflexões, e uma prática dirigida, propiciando ao educador e ao educando uma reflexão sobre a condição uns dos outros, reapropriando-se da informação, para superar a violência estrutural, o que determina o conteúdo para a promoção da paz e a sua atitude para agir em prol da paz (RABANNI, 2004).

Mas “dialogar, é muito mais do que interagir ideias e posturas. É sim, uma competência própria da cultura da paz” (LUZ, 2004, p. 163). Dialogar é aprender a ouvir, e ouvir até o fim o que o outro tem a dizer sem que o interrompamos, compartilhando o silêncio, quando necessário (MARIOTTI, 2001).

Segundo Mariotti (2001) a cultura ocidental está automatizada num processo concordo-discordo, o que mostra que não sabemos ouvir. Hunter (2004) ensina que ouvir não é um processo passivo, que consiste em ficar em silêncio enquanto outra pessoa fala, mas uma tarefa de esforço ativo, consciente e disciplinado, para silenciar toda a conversação interna. Diz ele que podemos até nos considerar bons ouvintes, mas na maior parte das vezes, ouvimos seletivamente, fazendo julgamentos, pensando em maneiras de terminar a conversa ou direcioná-la de modo mais prazeroso para nós. E finaliza, colocando que essa forma de diálogo, em que se ouve ativamente exige sacrifício, doação de nós mesmos, ver as coisas como quem fala as vê e como quem fala as sente, vivenciando o que se chama empatia.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda (FREIRE, 1987, p. 45).

## 6 CONCLUSÃO

O estudo demonstrou que a compreensão das professoras sobre a violência está relacionada ao rompimento do nexos social, ou seja, da possibilidade da relação social, seja por uma inversão de valores, como coloca a professora “A”, seja por um ato de agressão física, emocional ou psicológica, como coloca a professora “B”. Estas percepções vão ao encontro do que coloca tanto Sposito (1998), quanto a OMS, quando definem que a violência é um ato que causa dano e privações.

Em relação à percepção sobre cultura de paz, há o entendimento de que são mudanças individuais, relacionadas à atitude e ao chamar a responsabilidade para si, ou para a própria Educação Física. Essa visão de cultura de paz se refere ao indivíduo, ao sujeito como promotor da cultura de paz, o que está de acordo com Milani (2004), quando afirma que a cultura de paz precisa ser pensada a nível micro, o qual compreende comportamento, vida familiar, vida comunitária, etc. Mas não encontramos referência ao nível macro, relacionado aos processos sociais e coletivos. Segundo Milani (2003), nível micro e nível macro são complementares, sendo um dependente do outro para uma efetiva construção da paz.

Na forma como são trabalhadas as questões de violência, encontramos (re)ações ao fenômeno da violência. Não existe, nem por parte da escola, nem por parte dos professores, uma intencionalidade para a prevenção do fenômeno, tampouco, para uma promoção da cultura de paz. Apesar disso, as professoras percebem ser possível promover a cultura de paz, trazendo como sugestões ações individuais e desenvolvimento de projetos, buscando que, tanto alunos quanto professores, percebam que é preciso saber conviver.

Enfim, entendemos que há uma compreensão geral do que seja a promoção da cultura de paz, mas ainda não há um conjunto de estratégias, sistematizadas e intencionais, que busquem o desenvolvimento de valores, a promoção do diálogo, a participação dos atores escolares e a valorização da diversidade, elementos chaves na construção da paz, como coloca Milani (2004). Sugerimos que sejam desenvolvidos projetos educacionais nas escolas, com base nos elementos capazes de promover uma cultura de paz, como por exemplo, a educação em valores, para serem avaliados e dimensionados no seu real potencial e eficiência para a promoção dessa cultura.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco, 2003.

AQUINO, Júlio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 19, n. 47, p. 7–19, dez. 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível: convivência, tolerância e respeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, p. 68-80, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 4 set. 2014.

BOSSLE, Fabiano; MOLINA NETO, Vicente. No “olho do furacão”: Uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de porto alegre. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 131-146, setembro, 2009.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In. ORTIZ, Renato. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. Ministério Da Saúde. **Violência faz mal à saúde**. Brasília, 2004.

CORREA, Rosângela Azevedo. Cultura, educação para, sobre e na paz. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússulas**. Salvador: Edições Inpaz, 2003. p. 98-141.

DUSI, Miriam Lúcia Herrera Masotti; ARAÚJO, Claisy Maria Marinho de; NEVES, Marisa Maria Brito da Justa. Cultura da paz e psicologia escolar no contexto da instituição educativa. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 135-145, jun. 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário virtual de língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/>> Acesso em: 4 set. 2014.

FERRY, Luc. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FILHO, Ciro Marcondes. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v15, n2, p.20- 27, abr/jun, 2001.

FREIRE Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HUNTER, James C. O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança. 2 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004

LA TAILLE, Yves de. **Turista ou peregrino**. Campinas, jul. 2013. Disponível em: <<http://vimeo.com/71441803>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

LANDIM, Maria Neide de Souza; ARAÚJO, Paulo Sérgio Medeiros de. **A temática da violência escolar na percepção dos professores**. Fortaleza - Ceará, 2013. Disponível em: <<http://professorvirtual.org/site/wp-content/uploads/sites/2/2013/12/Artigo-Ne...pdf>>. Acesso em: 8 set. 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEVANDOSKI, Gustavo; OGG, Fabiano; CARDOSO, Fernando Luiz. Violência Contra Professores de Educação Física no Ensino Público do Paraná. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 3, p. 374-383, jul./set. 2011.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: Executiva, 2006.

LUZ, Araci Asinelli da. Planejando a cultura de paz e a prevenção da violência na escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússulas**. Salvador: Inpaz, 2003. p. 159 - 171.

MARIOTTI, Humberto. Diálogo: um Método de Reflexão Conjunta e Observação Compartilhada da Experiência. **Thot**, São Paulo, n. 76, p. 6-22, 2001.

MILANI, Feizi. Cidadania: construir a paz ou aceitar a violência? In: Cidadania mundial: a base da paz. FREITAS, M. (org.). **Planeta Paz**. Mogi Mirim, São Paulo. 2000.

MILANI, Feizi. Cultura de paz x violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússulas**. Salvador: Inpaz, 2003. p. 31 - 62.

MILANI, Feizi. Violências x cultura de paz: a saúde e cidadania do adolescente em promoção. 197 f. Tese (Doutorado). Instituto de saúde coletiva, UFBA, Salvador, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* Conceitos, teorias e tipologias de violência. In: NJAINE, Kathie; ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia. (Org.). **Impactos da violência na saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. v. 1, p. 21-42.

MONTEIRO, Alberto de Oliveira. Desporto, paidéia e não dualidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 213 - 235, jan./mar. 2011

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MUÑOZ, Manuel Alfonso Díaz. Violência e escola: o desafio ético de educar para a paz. **Cultura e Comunidade**, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 280-295, jul./dez. 2013.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In. MOLINA NETO, Vicente Molina; Triviños, Augusto N. S.. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NETTO-MAIA, Luciana de Lourdes Queiroga et. al. O professor também vivência a violência escolar? **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, v. 3, n. 3, p. 797-803, set/dez. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. 1959. [site]. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10120.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm)>. Acesso: 17 nov.2014

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração sobre os direitos dos povos à paz**. Assembléia geral. nº 39/11. 12 de novembro de 1984. [site]. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10120.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm)>. Acesso: 17 nov.2014

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração sobre uma cultura de paz**. nº 53/243, 1999. [site]. Disponível em: <[http://www.unicef.org/brazil/pt/resources\\_10120.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10120.htm)>. Acesso: 17 nov.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **[Site]**. Disponível em: <<http://www.unesco.org.br/programas/index.html>>. Acesso em: 08 set. 2014.

RABBANI, Martha Jalali. Educação para a paz: desenvolvimento histórico, objetivos e metodologia. In: MILANI, Feizi Masrouf; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Cultura de paz: estratégias, mapas e bússulas**. Salvador: Inpaz, 2003. p. 63-94.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. Uma cultura da violência na cidade? rupturas, estetizações e reordenações. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 85-94, jul./set. 1999.

SEBASTIÃO, João; ALVES, Mariana Gaio; CAMPOS, Joana. Violência na escola: das política ao cotidiano. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 41, p. 37-62, jan. 2003 .

SILVA, Aida Maria Monteiro. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores. **Diálogo**, São Paulo, p. 10-14, 30 jun. 1997.

SPOSITO, Maria Pontes. A instituição escolar e a violência. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998.

TOYNBEE, Arnold; IKEDA, Daisaku. Escolha a vida: um diálogo sobre o futuro. Rio de Janeiro, Record,1976.

VIANA, Nildo. Violência e escola. In. VIANA, Nildo et. al. **Educação, cultura e sociedade: abordagens críticas na escola**. Goiânia: Germinal, 2002.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Homicídios e juventude no Brasil**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral da Presidência, 2013.

## APÊNDICE A CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

### APRESENTAÇÃO

Apresentamos o aluno JOSÉ PAULO REICHENBACH, que está desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso, através do projeto de pesquisa intitulado: “A Cultura de Paz na Percepção dos Professores de Educação Física de Uma Escola da Rede Estadual de Ensino do RS”. **Nesta perspectiva solicitamos que o mesmo possa realizar observações de aulas e entrevista com professores de Educação Física dessa instituição educacional.**

Certos de contarmos com a sua atenção, agradecemos,

Porto Alegre, 03 de setembro de 2014.

---

Profa. Dr<sup>a</sup> Denise Grosso da Fonseca  
Orientadora do Trabalho

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado(a) Sr(a). Diretor(a)

O projeto *A Cultura de Paz na Percepção dos Professores de Educação Física de Uma Escola da Rede Estadual de Ensino do RS* tem como objetivo principal compreender a percepção dos professores de Educação Física sobre a relação da violência e da paz no contexto escolar e sobre o tema da promoção de uma cultura de paz.

É um projeto desenvolvido pelo estudante de graduação José Paulo Reichenbach, com orientação da professora Denise Grosso da Fonseca, como trabalho de conclusão de curso, da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O estudo será desenvolvido através de observações de aulas de Educação Física, de entrevistas com professoras dessa disciplina. A entrevista será agendada previamente e, mediante o consentimento do professor, será gravada. As observações ocorrerão no período em que o professor estiver em aula, sem que sejam prejudicadas as atividades desenvolvidas na classe.

Será mantida em sigilo a identidade da escola e do professor participante da pesquisa e os dados coletados servirão exclusivamente para fins de trabalho de conclusão de curso. Todos os resultados estarão disponíveis à direção e aos professores participantes do estudo.

Compreendo que as atividades da pesquisa apresentam os riscos inerentes aos instrumentos utilizados. Em caso de possíveis imprevistos posso esperar o cuidado do responsável pela pesquisa, que tomará as medidas cabíveis ao ocorrido e, se necessário, realizará o transporte até o local onde possa ser recebido um atendimento especializado.

Eu, \_\_\_\_\_ (nome do diretor (a)), diretor(a) da escola \_\_\_\_\_ (nome da escola) autorizo a realização da investigação *A Cultura de Paz na Percepção dos Professores de Educação Física de Uma Escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul* nas dependências da escola, com a participação do estudante José Paulo Reichenbach, orientado pela professora Denise Grosso da Fonseca.

Também fui informado(a) da garantia de receber esclarecimento às perguntas e dúvidas relacionadas ao estudo; da liberdade de poder retirar o consentimento de realização desta pesquisa nas dependências da escola e da segurança da preservação de identidade da escola e de todos os envolvidos no estudo na publicação dos dados no trabalho final.

Agradecemos vossa colaboração e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos/informações, que poderão ser realizados através do telefone (51) 84369491 ou pelo endereço eletrônico (zepaulop@outlook.com) diretamente com a estudante José Paulo Reichenbach, ou pelo telefone (51) 9323-1963, email ([dgf.ez@terra.com.br](mailto:dgf.ez@terra.com.br)) com a orientadora da pesquisa, Denise Grosso da Fonseca.

---

Nome da escola

---

Assinatura do(a) diretor (a) da escola

---

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, setembro de 2014.

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar do projeto intitulado “A Cultura de Paz na Percepção dos Professores de Educação Física de Uma Escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul” que tem como objetivo principal compreender a percepção dos professores de Educação Física sobre a relação da violência e da paz no contexto escolar e sobre o tema da promoção de uma cultura de paz.

### Procedimentos

Durante a realização do trabalho de campo, as informações para este estudo serão coletadas através de observações, registros em diário de campo e entrevistas. As observações serão feitas no horário de funcionamento da escola e de realizações de atividades docentes como aulas, reuniões, conselhos de classe e intervalo. Os registros serão de forma descritiva, não havendo registro que emita juízo de valor.

As entrevistas serão previamente agendadas, serão realizadas em seu local de trabalho. Estas serão gravadas, transcritas e devolvidas para sua confirmação e, se necessário, correção de informações.

O relatório final deste estudo também lhe será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

### Confidencialidade

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória.

### Voluntariedade

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

---

Denise Grosso da Fonseca  
Orientadora  
dgf.ez@terra.com.br

---

José Paulo Reichenbach  
Orientando  
zepaulop@outlook.com

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar deste estudo e declaro que fui informado de forma clara e detalhada acerca dos processos de aplicação e dos objetivos deste estudo, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento sem nenhum prejuízo a minha pessoa.

## **APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA**

1. O que você entende por violência?
2. Você já viveu alguma situação de violência nesta escola?
3. Como a escola se posiciona diante de situações de violência?
4. Como você percebe a relação violência e paz na escola?
5. O que você compreende por cultura de paz?
6. Qual a possibilidade de se promover uma cultura de paz na escola?
7. Você conhece ou desenvolve algum projeto ou ação com esse propósito?